



Não andeis ansiosos: análise exegética, psicológica e pastoral sobre as possibilidades de tradução do verbo grego μεριμνάω (merimnaō) na perícope

Mt 6, 25-34

Take no thought: exegetical, psychological and pastoral analysis on the possibilities of translating the Greek verb μεριμνάω (merimnaō) in the pericope Mt 6, 25-34

AMÓS SILVA JUBIM^a

MAGNO LESSA DO ESPÍRITO SANTO ^b

PAULO JONAS DOS SANTOS JÚNIOR ^c

Resumo

O presente trabalho se propõe a uma análise exegética, psicológica e pastoral sobre as possibilidades de tradução do verbo μεριμνάω (*merina*) na perícope Mt. 6.25-34. Questiona-se, assim, o problema: Quais as possibilidades de tradução do verbo μεριμνάω (*merimnaō*), do grego para o português, que mais comunicam o sentido original do termo sem prejuízos à saúde integral dos membros da comunidade de fé? Através de pesquisa bibliográfica, pode-se verificar que verter o verbo grego μεριμνάω (*merimnaō*) para o português como “ansiedade” pode ocasionar interpretações imprecisas do sermão de Jesus. O artigo evidencia que o conceito contemporâneo de ansiedade possui uma raiz etimológica e histórica que não coincide com o termo utilizado na perícope mateana, sendo preferíveis

^a Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), Itaperuna, RJ, Brasil. Especialista em Saúde Mental, e-mail: amosjubim@gmail.com

^b Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), Itaperuna, RJ, Brasil. Mestre em Ciências das Religiões, e-mail: magno_lessa@hotmail.com

^c Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), Itaperuna, RJ, Brasil. Doutor em Planejamento Regional e Gestão de Cidade, e-mail: paulojsjunior@hotmail.com

traduções que adotem “preocupação”, “inquietação” e “cuidado”. Além disso, a presente pesquisa, salienta que a práxis pastoral de Jesus estava atenta à saúde integral do seu público e, tendo-o como paradigma para o fazer poimênico, há que se promover uma prática pastoral urbana que extrapole os limites do cuidado espiritual e contemple a comunidade de fé de modo integral.

Palavras-chave: tradução bíblica, poimênica urbana, cuidado integral, grego bíblico, exegese.

Abstract

The present work proposes an exegetical, psychological and pastoral analysis of the possibilities of translation of the verb μεριμνάω (merimnaō) in the pericope Mt. 6.25-34. The problem is thus questioned: what are the possibilities of translating the verb μεριμνάω (merimnaō), from Greek to Portuguese, that most communicate the original meaning of the term without harming the integral health of the members of the faith community? Through bibliographic research, it can be verified that to translate the Greek verb μεριμνάω (merimnaō) into Portuguese as “anxiety” can lead to inaccurate interpretations of Jesus' sermon. The article shows that the contemporary concept of anxiety has an etymological and historical root that does not coincide with the term used in the Matthew pericope, and translations that adopt “concern”, “disquiet” and “care” are preferable. In addition, the present research emphasizes that the pastoral praxis of Jesus was attentive to the integral health of his audience and, having him as a paradigm for caring, it is necessary to promote an urban pastoral practice that goes beyond the limits of spiritual care and contemplate the community of faith in an integral way.

Keywords: biblical translation, urban care, integral care, biblical Greek, exegesis.

Introdução

O principal intuito deste estudo é procurar responder à questão-problema: quais as possibilidades de tradução do verbo μεριμνάω (merimnaō), do grego para o português, que mais comunicam o sentido original do termo sem prejuízos à saúde integral das comunidades de fé?

Neste contexto, o presente texto, assim, objetiva investigar a que tipo de comportamento Jesus se referia e como uma tradução imprecisa pode prejudicar a saúde integral dos leitores da Bíblia. Tornam-se, então, objetivos específicos: analisar exegeticamente o uso do verbo μεριμνάω (merimnaō) na

perícopo Mt 6.25-34, apresentar os desafios de tradução e seu impacto na vida do leitor e oferecer um caminho pastoral para o cuidado integral da comunidade de fé.

Ressalta-se que tanto no âmbito acadêmico quanto no pastoral, têm-se encontrado poucos trabalhos cujo enfoque seja a tradução do verbo *μεριμνάω* (*merimnaō*) de uma perspectiva exegética-pastoral, portanto, a presente pesquisa se propõe a contribuir com aporte teórico, visando um progresso no que diz respeito à atenção ao tema Bíblico da ansiedade, apresentando, portanto, relevância social, pastoral e acadêmica.

Considerações exegéticas sobre o verbo *μεριμνάω* na perícopo MT 6.25-34

É instigante a formulação da pergunta “o que a Bíblia diz sobre determinado assunto?”. Para uma resposta consistente, recorre-se à exegese Bíblica de modo que se evite o equívoco de introduzir em determinada passagem uma interpretação que não corresponde ao que os hagiógrafos pretendiam comunicar (GORMAN, 2017). Nesta primeira seção serão realizadas considerações exegéticas a respeito do verbo *μεριμνάω*, (*merimnaō*) inserido na perícopo Mt 6.25-34.

Contexto histórico da perícopo Mt 6.25-34

O Evangelho segundo Mateus, de natureza didática e apologética, é um dos mais estimados na Tradição Cristã (CUVILLIER, 2015, p. 81). É mencionado, frequentemente, na literatura cristã antes de 180 d.C. e figura em primeiro lugar em todas as listas conhecidas do Novo Testamento. Hale (2001, p. 85) afirma que este Evangelho, pelo “[...] estilo claro e explicativo do autor é facilmente adaptado para leitura pública e, por esta razão, provavelmente, logo teve aceitação nas igrejas primitivas”.

A Tradição Cristã indica como autor Mateus/Levi, o publicano, que é

mencionado no evangelho (em Mt 9.9 e 10.3) (TURNER, 2005, p. 4). Grande parte da atribuição da autoria do evangelho a Mateus se deve ao fato de Eusébio de Cesaréia citar, em seu livro História Eclesiástica, os escritos de Papias que registrou nos primeiros vinte e cinco anos do segundo século “as palavras do Senhor”. Eusébio comenta: “Referente a Mateus, [Papias] diz o seguinte: ‘Mateus ordenou as sentenças em língua hebraica, mas cada um as traduzia como melhor podia’” (CARSON; MOO; MORIS, 1997, p. 556). Ademais, importantes nomes dos quatro primeiros séculos da Era Cristã, como Papias, Irineu, Orígenes e Eusébio, afirmaram que Mateus teria escrito seu Evangelho em Hebraico (ou aramaico?)⁴. No entanto, não há evidências internas suficientes de que o apóstolo tenha, de fato, escrito o mencionado evangelho.

As evidências externas em favor de Mateus como autor tornam-se frágeis observando-se a teoria das Duas Fontes⁵: uma vez que Mateus foi testemunha ocular dos fatos registrados, não seria necessário estabelecer uma dependência literária de Marcos - que não foi apóstolo e não viveu com

⁴ Há uma longa discussão para determinar se, de fato, o Evangelho teria sido escrito em Hebraico ou aramaico. Hale (2001, p.88) salienta que o “[...] Evangelho como temos agora não é uma tradução para o grego. É bem evidente que o livro [...] foi escrito em grego”. Assim, Hale (2001, p. 88) oferece quatro possíveis soluções para a questão: 1 - Papias pode ter se enganado ao pensar que o Evangelho foi escrito em Hebraico devido ao “[...] vasto fundo histórico judaico, com o qual ele era familiar”. 2- Mateus teria composto sua Logía em hebraico e esta teria servido como base para a escrita do Evangelho. 3 - Mateus teria escrito uma Logía em Hebraico e, após, compilado o Evangelho. 4 - Mateus poderia ter produzido sua Logía em Hebraico antes da circulação do Evangelho de Marcos. Então, usando Marcos como base grega e suas Logía, além de outras fontes, Mateus teria produzido o seu Evangelho.

⁵ A teoria das Duas Fontes, também denominada teoria dos Dois Documentos seria uma hipótese mais fácil e simples para a resolução do denominado Problema Sinótico. O Problema Sinótico é a tentativa de se esclarecer as semelhanças e distinções entre os Evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas. Karl Lachmann, por volta de 1835, provou que o Evangelho de Marcos teria sido o primeiro a ser escrito por razões linguísticas. Assim, Mateus e Lucas dependeriam deste como fonte escrita. Bernard Weiss (1901), por sua vez, sugere que, além de Marcos, uma outra fonte escrita teria sido usada para a composição de Mateus e Lucas. Esta foi denominada “Q”, da palavra alemã Quelle, que significa fonte. Cabe salientar que a teoria das Duas Fontes se refere a Documentos

Jesus. Todavia, como se verifica pela teoria das Duas Fontes, Mateus dependeu tanto de Marcos como da fonte “Q” para sua redação. Assim, a opinião predominante é a de que o evangelho, na sua forma final, teria sido escrito por um autor cristão judeu anônimo (FERREIRA, 2006).

A data mais plausível para a formação do Evangelho é posicionada entre 80 e 90 d. C. Esta proposição se dá por dois motivos: primeiro, em Mateus há uma dependência literária de Marcos, assim, só poderia ter sido escrito após esse evangelho que data entre 60 e 70 d.C. Segundo, no início do século II, o Evangelho de Mateus já era conhecido. Estes dois fatores balizam a datação de Mateus (FERREIRA, 2006).

Existem discussões a respeito do local de composição deste Evangelho. Há argumentos que favorecem Antioquia da Síria e, mais recentemente, a Galileia, por serem pontos fixos dentro de um grupo de congregações. Segal (1991, p. 36-37) considera “[...] sensato refletir a natureza itinerante dos discípulos de Jesus que viajavam constantemente”. Assim, é provável que o evangelho tenha sido composto entre um ponto e outro⁶.

É válido ressaltar que, de acordo com Hale (2001, p. 85), o Evangelho Segundo Mateus é “[...] o mais judaico dos quatro evangelhos [...] escrito para cristãos de fala grega cuja maioria era de origem judaica”. Desta forma, “[...] o autor supõe que o leitor esteja familiarizado com o Antigo Testamento, bem como com as seitas da Palestina naquela época”. Assim, o autor do Evangelho escreve com o propósito de “[...] demonstrar que Jesus é o verdadeiro Rei messiânico, a esperança não só de Israel, mas também do mundo inteiro.” (HALE, 2001, p. 94).

escritos, não desconsiderando a Tradição Oral (HALE, 2001).

⁶ Theissen (1987, p. 123-124) discute a ideia do Carismatismo Itinerante, presente nas comunidades do cristianismo primitivo. Para ele, o “[...] carismatismo itinerante primitivo-cristão estava radicado no âmbito Sírio-palestinense [...]” e formava o pano-de-fundo da fonte dos ditos (logias) de Jesus.

A proclamação da chegada do Reino dos Céus era o cerne da mensagem do Jesus mateano (Mt 4.17) e o tema central do Evangelho Segundo Mateus. O evangelista, então, organiza seu evangelho de forma a demonstrar que “[...] o Reino que é chegado pode agora ser sentido como uma realidade [...]” (RICHARDS, 2008, p. 23). O Reino dos Céus apresentado por Mateus sofre uma tensão escatológica entre o “já” e o “ainda não”, pelo fato de que o Reino já chegou, mas sua chegada completa se consumará na *parousia* (Mt 24-25). Nas Palavras de Ladd (2003, p. 22), o “[...] Reino de Deus é a esfera da era vindoura, popularmente chamada céu [...] na perfeição de sua plenitude, mas o Reino está aqui agora”. Em Mateus, encontramos mais referências ao “Reino” que nos demais evangelhos: “[...] cada menção presente em Marcos corresponde a três em Lucas e quase quatro em Mateus”. Em geral, o termo utilizado em Mateus é o “Reino dos céus”, que identifica nos textos paralelos a própria divindade. Assim, Mateus associa o lugar (céus) ao próprio Deus, “[...] cuja tradição judaica preferia não nomear de maneira direta e explícita” (CISTERNA, 2009, p. 25).

Contexto literário da perícopa Mt 6.25-34

Mateus dispõe a estrutura do seu evangelho em cinco blocos que “[...] darão a ideia de agrupamento” (HALE, 2001, p. 92). Tais blocos apresentam em sua primeira parte uma série de ações de Jesus e, na última parte, sempre um sermão proferido por Jesus, cujo tema unificador é o Reino dos Céus. Cisterna (2009, p. 28) afirma:

A presença dos cinco discursos e o fato de que se trata de um “livro da gênese” (História-geração; cf Mt 1.1) nos leva a pensar que seu autor, com boa probabilidade desejou oferecer à sua comunidade uma *Torá* (lei-ensinamento) que, à maneira dos cinco livros do pentateuco podem constituir a base sobre a qual será erguida.

Luz (1993, p. 268) corrobora dizendo que Mateus “desejava estabelecer um contraste entre Jesus e Moisés”, nesta concepção, Deus teria falado em outro tempo, no monte Sinai através de Moisés e agora, falará por meio de Jesus. Segundo tal pensamento, essa é uma clara alusão à história fundamental de Israel.

A perícopes em apreço neste trabalho (Mt 6.25-34), encontra-se radicada no primeiro dos cinco discursos de Jesus em Mateus, denominado Sermão do Monte, uma alusão ao local (Mt 5.1) de onde o evangelista afirma que Jesus proferiu as palavras registradas nos capítulos 5-7. É de sua importância afirmar, também, que o registro mateano do sermão da montanha (5-7) encontra correspondente paralelo no Sermão da Planície lucano (6.17-49). Entretanto, o material da perícopes em análise é posicionado por Lucas em 12.22-32, portanto fora do contexto do Sermão da Planície.

O teólogo britânico John Stott (1981, p. 11), por sua vez, compreendia que o sermão mateano estava organizado como um todo “maravilhosamente coerente”. Aludindo ao professor A. B. Bruce, Stott (1981, p. 11) relata:

Ele acreditava que o material contido em Mateus 5 a 7 representa a instrução "não de uma simples hora ou dia, mas de um período de retiro". Conjeturava que Jesus poderia ter reunido consigo os discípulos no monte para uma espécie de "Acampamento de Verão". Por isso não chamava aqueles capítulos de "Sermão do Monte" (expressão usada pela primeira vez por Agostinho), mas de "Ensinaamentos do Monte". Mais ainda, o Sermão, conforme registrado em Mateus, teria a duração de apenas cerca de dez minutos, por isso é possível que os evangelistas nos tenham dado apenas versões condensadas.

Para Brown (2017, p. 269), o sermão da montanha “[...] é a porção mais grandiosa de Mateus. Combina material de “Q” com passagens tipicamente mateanas”. Carson; Moo; Moris (1997, p. 157), por sua vez, comentam que:

Desde a obra de Hans Windisch [...] (O sentido do sermão do monte, trad. M. Gilmour [1929; ed. reimp., Philadelphia: Fortress, 1951]) poucos consideraram Mateus 5—7 totalmente autêntico.

Hoje, a proposta mais comum é que esses capítulos preservam algum ensino autêntico de Jesus, originalmente apresentado em várias ocasiões e reunido e moldado pela tradição oral.

O sermão da montanha torna-se uma coleção de ensinamentos de Jesus que servem aos seus discípulos como um elemento teológico, devocional e kerigmático.

Análise formal da perícopes Mt 6.25-34

A passagem Bíblica em apreço, como parte do sermão da montanha, dá sequência aos argumentos desenvolvidos nas perícopes anteriores. Zabatiero e Leonel (2011) o enquadram no gênero de biografia grego-romana. É importante dizer que este termo foi cunhado apenas no séc. V. Deste modo, os romanos utilizavam o termo “*vita*” e os gregos “*bios*” para se referirem ao gênero biográfico (FERREIRA, 2006, p. 124). Nas palavras de Sobral (2019, p. 100):

De posse dessa informação, é possível entender que Mateus procurou introduzir Jesus a seus leitores como figura ideal, como também, afirmar sua autoridade para ensinar e operar milagres. Sua vida se constitui em modelo a ser seguido, não apenas por discípulos, mas por todos quantos o ouviam.

O gênero literário de biografia greco-romana, também denominada biografia antiga, se propunha a cristalizar as memórias a respeito de um protagonista. Oporto (2012, p. 37) comenta que um dos traços mais característicos desse gênero é que há um “[...] único protagonista, cujo caráter moral vai se revelando ao narrar suas origens, sua atuação pública e sua morte”. Assim, os Evangelhos, especialmente o de Mateus, encaixam-se perfeitamente nesse gênero literário, uma vez que não são relatos neutros e imparciais a respeito de Jesus, mas no sentido técnico do termo, relatos de caráter biográfico. Uma comparação entre a tradição biográfica de Jesus e dos mestres rabinos do Judaísmo permite estabelecer uma distinção: o

interesse judaico se dava em torno apenas dos ensinamentos dos mestres sobre a Torá, no caso de Jesus, ele é o “centro do interesse no processo de transmissão e memória, por isso, todas as memórias se integram no âmbito de uma “vida”, cujo protagonista era ele e cuja principal finalidade consistia em responder à pergunta acerca de sua identidade.” (OPORTO, 2012, p. 38). Jesus é apresentado, através deste gênero utilizado por Mateus como um mestre cujo ensino e exemplo devem ser seguidos.

Brown (2017, p. 269-272) assim compreende a estrutura dos Sermão da Montanha: o revelador neotestamentário fala a seus discípulos em uma montanha (Mt 5.1-2); oito bem-aventuranças (Mt 5.3-12); ensinamento ético do novo legislador (Mt 5.17-48); Jesus reformula o exercício da piedade: esmola, oração, jejum (Mt 6.1-18); as instruções ulteriores acerca do comportamento apto para o reino (Mt 6.19-7,27). O teólogo inglês J. Jeremias (1977, p. 23), por sua vez, denominou “estrutura triádica do Sermão” o que pode ser apresentado da seguinte forma: “1. Relativas à maneira de interpretar as escrituras; 2. Controvérsias sobre a justiça dos fariseus e 3. Instruções sobre a nova justiça dos discípulos.”

A perícopa Mt 6.25-34 apresenta de maneira recorrente o verbo *μεριμνάω* (*merimnaō*)⁷. A passagem sucede o versículo 24, no qual Jesus orienta quanto a impossibilidade de servir a dois senhores e antecede a perícopa Mt 7.1-5, na qual Jesus admoesta aos discípulos quanto ao perigo de julgar.

Como afirma Silva (2020, p. 76.), nos “[...] evangelhos sinópticos *μεριμνάω* (*merimnaō*) não é uma simples preocupação, mas sim uma preocupação excessiva e mundana.” O discípulo não deve se preocupar com a sua “vida” natural (*ψυχή*, *psiqué*), ou seja, com o seu sustento. Também

⁷ O verbo *μεριμνάω* (*merimnaō*) aparece diversas vezes no Novo Testamento grego. Pode ser encontrado em: Mt. 6. 25,27-28, 34; 10.19; Lc 12.11,22,25-26; Fp 4.6; 1 Co 7.32-34; 12.25; Fp 2.20.

não deve se preocupar com proteger o seu “corpo” (σώμα, sōma) dos agentes externos”. A aplicação deste verbo μεριμνάω (*merimnaō*) na perícopé cumpre algumas funções que serão vistas a seguir.

Primeiramente, no v. 25, Jesus apresenta uma escala de valores: a vida e o corpo, para ele, valem mais do que o alimento e a roupa. Assim, o v. 25 continua a ideia do v. 24 utilizando o conectivo “por isso” (Διὰ τοῦτο, *día toũto*). Pode-se inferir que Jesus orienta seus discípulos a não se preocuparem com o que possui apenas valor material. No v. 24, Jesus afirma que “ninguém pode servir a dois senhores”. A imagem apresentada é a de um escravo. A esse respeito, Champlim (1998, p. 327) comenta: “[...] No grego significa servir como escravo, indicando fidelidade total, sem reservas”. Para o autor, a ideia básica é que “[...] a mente procura seguir em duas direções ao mesmo tempo resultando em confusão e certa dose de sofrimentos. [...] Quem toma essa atitude torna-se discípulo de Mamom”. Destarte, preocupar-se excessivamente com o alimento e a roupa, então, seria dividir a atenção entre duas divindades.

Em segundo lugar, é importante notar que o verbo μεριμνάω (*merimnaō*) cumpre também a função de mostrar a inutilidade das preocupações. Jesus indaga no v. 27: “Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?”⁸. A expressão côvado poderia ser utilizada tanto como medida de espaço quanto de tempo. Como medida de espaço, ela indicava, aproximadamente, 46 centímetros (CHAMPLIN, 1998, p. 328). Todavia, Robert Mounce (1996, p.71) compreende que côvado, neste contexto, “[...] pode ser usado metaforicamente como “um período de tempo”. Assim, para ele, “[...] é melhor tomar a frase como significando “prolongar a vida por um breve período de tempo”. Deste

⁸ A Tradução Bíblica utilizada é a Nova Almeida Atualizada (NAA).

modo, a preocupação é inútil, isto é, não produz nenhum resultado compensatório.

Em terceiro lugar, *μεριμνάω* (*merimnaō*), isto é, a preocupação excessiva é uma característica encontrada nos pagãos/gentios (v. 32). Tal referência indica “[...] os incrédulos fora do círculo de discípulos” (MOUCE, 1996, p. 71). Portanto, os discípulos de Jesus foram estimulados a uma ação diferente (como em Mt 5.13-16,20): a confiança no cuidado do Pai Celestial.

Em quarto lugar, o verbo *μεριμνάω* (*merimnaō*) indica que a preocupação deve ser substituída pela busca do Reino de Deus⁹ e da sua Justiça. Cabe salientar que em “[...] Mateus, buscar o reino e buscar a justiça não são duas buscas distintas; ele quer dizer que não há busca autêntica do reino exceto numa busca cujo objetivo imediato seja a justiça.” (VIVIANO, 2011 p. 162). O discípulo, então, ao buscar o Reino e sua justiça, em vez de preocupar-se, tem como desdobramento o cuidado do Pai Celestial que lhe provê comida, bebida e vestimenta.

Em quinto lugar, *μεριμνάω* (*merimnaō*) cumpre a função de mostrar que os discípulos enfrentam desafios diários e, por isso, devem buscar o Reino hoje. Jesus, empregando a técnica retórica, típica de personificação, admoesta seus ouvintes a deixar o "amanhã" preocupar-se consigo mesmo. Como um sábio típico do Antigo Oriente, Jesus observa que os discípulos já

⁹ A expressão “de Deus” (*τοῦ θεοῦ*, *to theou*) subsequente a Reino (*βασιλείαν*, *basileian*) não segue o padrão mateano que adota do Céu (*τῶν οὐρανῶν*, *tō ouranōn*) em razão de seu público judaico. Contudo, o Novo Testamento Grego (em sua quinta edição revisada), cujo texto é idêntico ao da 28ª edição do Novo Testamento de Nestle-Aland, apresenta a expressão em colchetes o que, em seu aparato crítico, denota a inserção posterior em grau C, isto é, trata-se de uma “[...] variante de menor importância gramatical.” (ALAND, Barbara; KURT, Aland, 2012, p. XIII). Cabe, ainda acrescentar que, para Omanson (2010 p. 9) a “[...] leitura mais breve, o reino e a sua justiça, é a que melhor explica o surgimento das variantes, pois os copistas teriam a tendência de acrescentar “de Deus” ou “dos céus”, e é pouco provável que omitiriam essas palavras, caso estivessem no texto original. Entretanto, Mateus raramente se refere ao “reino” sem qualificá-lo. Logo, a ausência de uma qualificação como “de Deus” ou “dos céus” em vários manuscritos pode ser resultante de uma omissão acidental.

têm o suficiente com que se preocupar durante o hoje, por isso não há que se adicionar as preocupações de amanhã (KEENER, 1999).

A audiência de Mateus, provavelmente era pobre. Pode-se observar este fato pela recorrência de vocábulos como pão, pobres, saciar, dívidas/pagamentos (DUARTE, 2009). As preocupações¹⁰, no capítulo 6.25-34, apontam para necessidades básicas de comida, bebida e roupa, ou seja, “[...] produtos que estavam em falta para a maioria da população, daí a preocupação com o que comer, beber ou vestir a ponto de considerar esses produtos como finalidade humana” (DUARTE, 2009, p. 10).

Cabe salientar que em um contexto econômico como esse as preocupações de uma audiência pobre eram inevitáveis. Só haveria aparentemente uma maneira de dirimi-las: a busca pelas riquezas, que garantiria o sustento familiar no hoje e no amanhã. Entretanto, para o Jesus mateano, esta busca dividiria (*μερίζω, merizō*) o coração dos discípulos (Mt 6.21,24) e os conduziria, conseqüentemente, a uma busca por Mamôm. Jesus lidou com essa situação de um modo alternativo: a busca pelo Reino e sua Justiça. Priorizar o Reino e sua justiça não colocaria a comunidade mateana em uma confortável posição econômica (CARSON, 2018). Todavia a conduziria a uma confiança irrestrita ao Pai Celestial que proveria as necessidades cotidianas (6. 11,33-34).

¹⁰ Gerd Theissen (1987, p. 40) comenta que uma das características da Tradição das Palavras [ditos] de Jesus é a crítica à riqueza e à propriedade. O autor comenta que “[...] quem renuncia à propriedade, renuncia as possibilidades normais de se livrar das preocupações.

A problemática em torno tradução do verbo μεριμνάω e o conceito contemporâneo de ansiedade

A tradução Bíblica é, sem dúvida, uma tarefa desafiadora. Transportar o texto de uma língua-fonte¹¹ para uma língua-alvo¹² torna-se ainda mais difícil considerando-se as lacunas temporais, culturais e sociais (OSBORNE, 2009). Assim, há que se investigar a problemática em torno da tradução do verbo grego μεριμνάω (*merimnaō*) e o conceito contemporâneo de ansiedade. Destarte, faz-se necessário arguir: o conceito contemporâneo de ansiedade, como é abordado pelas ciências médicas e psicológicas, deriva de μεριμνάω, (*merimnaō*)? Para tanto, convém observar o desenvolvimento histórico e etimológico do termo.

Conceito contemporâneo de ansiedade

Com o avanço das ciências médicas e psicológicas, inúmeros estudos foram realizados na intenção de compreender a ansiedade, sua manifestação sintomática, classificações e tratamentos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que, no Brasil, 9,3% da população é acometida por distúrbios relacionados à ansiedade, o que corresponde a aproximadamente 18.657.943 (dezoito milhões, seiscentos e cinquenta e sete mil, novecentas e quarenta e três) pessoas (COSTA *et al*, 2017).

É fundamental observar que, nas línguas românicas, os conceitos de ansiedade e angústia são “aparentados”, uma vez estes termos latinos derivam do verbo grego ἀγχθ (*anchth*): “eu aperto, eu estreito” (PEREIRA, 2012, p. 10). Do verbo grego ἀγχθ (*anchth*) surgem, no latim, “[...] as palavras

¹¹ A língua-fonte é a “[...] língua em que está o texto que se quer traduzir; em nosso caso, hebraico, aramaico e grego. (FEE; STUART, 2011, p. 50)

¹² Para Fee e Stuart (2011, p. 50) a língua-*alvo* é o idioma para o “[...] qual se traduz um texto”.

ango e *axio* que significam, respectivamente, aperto, constrição física e tormento. Essas duas raízes deram origem aos termos atualmente empregados em medicina nas línguas modernas.” (PEREIRA, 2012, p. 10). Ademais, Pereira (2012, p. 10), ainda comenta que:

No francês e no português, surgem daí os termos técnicos “angústia” (em francês “*angoisse*”) e “ansiedade” (“*anxiété*”). Embora no inglês encontrem-se tanto o termo “*anxiety*”, quanto “*anguish*”, este último possui quase que exclusivamente sentido literário, não sendo utilizado como termo técnico.

Pode-se notar, ainda, que ansiedade e angústia eram utilizadas em francês, inglês e português, como sinônimos (PEREIRA, 2012), até que Juliette Boutornier (1945), fundamentada nas ideias de Brissaud (1902), propõe uma separação conceitual entre os termos angústia e ansiedade. A angústia (*angoisse*) passaria a designar tecnicamente “um conjunto de sintomas físicos, como a sensação de constrição torácica, tremores e sufocação” (PEREIRA, 2012, p.11), ao passo que o termo ansiedade (*anxiété*) “deveria ser reservado para designar o estado mental de perturbação, inquietação indefinível e terror” (PEREIRA, 2012, p.11). Tal distinção se baseava nas conclusões de Brissaud que considerava que “a angústia é um fenômeno bulbar, a ansiedade é um fenômeno cerebral”. Curiosamente, Boutornier, no período pós-guerra imediato, contesta esta teoria Brissaudiana com o argumento de que é uma separação quase nunca observada na clínica (PEREIRA, 2021). Assim, a autora sugere a utilização predominante de “angústia”, em detrimento a “ansiedade”, uma vez que, para ela, “ansiedade” evoca a dimensão mais psíquica do fenômeno, ao passo que “angústia” remete simultaneamente às dimensões psíquica e corporal do fenômeno (PEREIRA, 2021).

No ano de 1950, o neurologista e psiquiatra francês Henry Ey propõe, em seu clássico estudo “*anxiété morbide*”, uma contraposição à Juliette Boutornier. Para ele, a autora prefere a utilização do conceito de “angústia”

em detrimento de “ansiedade” pois se vincula à “[...] “velha tradição humanista” que considera a angústia dimensão existencial fundamental da condição humana” (PEREIRA, 2012, p.11). Ey retoma, então, a utilização de ansiedade e angústia como sinônimos, o que será a tendência contemporânea na psiquiatria dos países de línguas românicas. Deste modo, a ansiedade – do ponto de vista psiquiátrico e clínico – vincula-se mais à ideia de angústia que a ideia de preocupação propriamente.

Há que se considerar também, que a ansiedade pode ser definida como:

[...] uma condição orientada para o futuro, caracterizada por (1) apreensão relativa à percepção de não poder controlar ou prever eventos potencialmente aversivos; (2) sintomas corporais de tensão física; e (3) desvio do foco de atenção para esses eventos potencialmente aversivos ou às respostas afetivas eliciadas por eles (DESOUSA ET AL, 2013, p. 397).

Torna-se importante salientar que, a ansiedade é responsável por preparar o indivíduo para situações de ameaça e perigo (CARDOZO *et al*, 2016). Ademais, “[...] pode estar relacionada a diversos distúrbios psicológicos podendo ser considerado um transtorno mental dependendo do nível da ansiedade e de fatores associados”, como alerta Cardozo (2016, p. 252). Por isso, a concepção hodierna de ansiedade presente no imaginário popular está inteiramente ligada a compreensão médica que a indexa, em suas diferentes categorias, nos mais recentes manuais de Diagnósticos de Transtornos Mentais, como o CID-10 e o DSM-V. Dentre os diversos tipos de transtornos de ansiedade elencados pelos manuais de diagnóstico, pode-se mencionar:

[...] o Transtorno do Pânico, que se caracteriza pela ocorrência de ataques de pânico inesperadamente, ou seja, períodos diferentes de medo intenso que podem acontecer várias vezes ao dia ou apenas algumas vezes ao ano. Esse transtorno costuma-se ser adjunto da agorafobia por existir medo de ficar só em lugares públicos, onde seria dificultosa uma saída rápida durante o curso de um ataque de pânico.

A Fobia Específica é caracterizada por um medo referente a objetos ou determinadas situações, proporcionando uma ansiedade persistente [...]. O Transtorno de Ansiedade Social (TAS) faz parte dos transtornos que acometem indivíduos que possuem sintomas ansiosos referentes ao medo exagerado de serem criticados, e que tendem a avaliar negativamente seu comportamento social. Sofrem com o medo de sofrer humilhação, falar em público, urinar em banheiros públicos, falar com alguém que tencione namorar. [...] O Transtorno de Ansiedade Generalizada (TGA) é evidenciado por ser um transtorno no qual o indivíduo encontra-se ansioso por tudo, por ter preocupações excessivas sobre vários acontecimentos ou atividades na maior parte dos dias, durante o último período de seis meses. Associa-se a sintomas somáticos, como tensão muscular, irritabilidade, dificuldade de dormir e inquietação. (FERNANDES *et al*, 2017, p. 3837)

Percebe-se, deste modo, que os transtornos de ansiedade abordados pelos manuais são considerados como questão de saúde psíquica, necessitando de atenção médica e psicológica. O que, decerto, não estava presente no imaginário popular da palestina entre os anos 80 a 100 d.C., quando o documento mateano foi produzido.

As traduções Bíblicas Brasileiras e o verbo μεριμνάω

Diante do exposto, deve-se dedicar especial atenção as traduções Bíblicas brasileiras para observar como verteram o verbo grego μεριμνάω, (*merimnaō*) para a língua-alvo. Há que se considerar que a tradução Bíblica do Antigo e do Novo Testamento, escritos em hebraico/aramaico e grego, respectivamente, constitui em um grande desafio. Isto se deve ao fato de que o tradutor deverá se preocupar com questões de caráter textual, isto é, precisará estar convicto de que os documentos utilizados como base para a tradução “[...] estão o mais próximo possível do texto original, tal como foi escrito pela mão do autor (ou pela mão do escriba a quem o texto foi ditado” (FEE; STUART, 2011, p. 43).

Além disso, o tradutor também deverá realizar opções linguísticas, o que diz respeito a transferência de palavras e ideias de uma língua-fonte para

uma língua-alvo (Fee; Stuart, 2011). Assim, as traduções podem ser realizadas por equivalência formal ou por equivalência dinâmica. As traduções baseadas na equivalência formal tentam “[...] manter o texto-alvo bem próximo da “forma” do hebraico e do grego, tanto em relação às palavras quanto em relação à gramática” (FEE; STUART, 2011, p. 50). Por isso, muitas vezes este tipo de tradução é descrito como literal. As traduções baseadas na equivalência funcional, por sua vez, tentam “[...] manter o significado do hebraico ou do grego traduzindo palavras ou expressões de acordo com o modo como as pessoas se expressam em sua língua” (FEE; STUART, 2011, p. 50). Este tipo de tradução é descrito como equivalência dinâmica, uma vez que “[...] “atualiza” questões de linguagem, gramática e estilo.” (IBIDEM, p. 50). Fee e Stuart (2011, p. 50) oferecem um bom exemplo para que se entenda a questão: “[...] deve-se traduzir “lâmpada” por “lanterna” ou “tocha” em culturas em que esses termos servem a esse propósito? Ou se deve traduzir “lâmpada” por “lâmpada” e deixar os leitores preencherem a lacuna por si próprios?”.

Isto posto, há que se observar como o verbo *μεριμνάω* (*merimnaō*), foi traduzido nos versículos em que aparece, na perícope Mt 6,25-34, para as Bíblias em português tanto que se baseiam pela equivalência formal quanto pela equivalência dinâmica.

VERS.	ARA	JERUSALÉM	ARC	NVI	NTLH
25	não andeis ansiosos pela vossa vida	"não vos preocupeis com a vossa vida..."	"não andeis cuidadosos quanto à vossa vida..."	"não se preocupem com suas próprias vidas, ..."	não se preocupem com a comida e com a bebida que precisam para viver
27	Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?	Quem dentre vós, com suas preocupações, pode acrescentar um só côvado à duração da sua vida?	E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?	Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida?	E nenhum de vocês pode encompridar a sua vida, por mais que se preocupe com isso.

28	E por que andais ansiosos quanto ao vestuário	E com a roupa, por que andais preocupados?	E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos?	"Por que vocês se preocupam com roupas?"	— E por que vocês se preocupam com roupas?
31	Portanto, não vos inquieteis, dizendo...	"Por isso, não andeis preocupados..."	Não andeis, pois, inquietos, dizendo: ..."	"Portanto, não se preocupem, dizendo: ..."	Portanto, não fiquem preocupados,
34	"Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã"	Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã.	Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã,	Portanto, não se preocupem com o amanhã,	Por isso, não fiquem preocupados com o dia de amanhã

Como se pode notar, as traduções Bíblicas supra apresentadas vertem o verbo grego *μεριμνάω*, (*merimnaō*) para o português como “ansiedade” (ARA), “preocupação” (Jerusalém, NVI, NTLH), “inquietação” (ARA, ARC) e “cuidado” (ARC).

É importante assinalar que, tanto o substantivo *merimna* quanto o verbo *merimnaō*, aparecem poucas vezes na Septuaginta (LXX)¹³. Nas ocorrências, o substantivo *merimna* (12x) significa cuidado ansioso¹⁴. O Verbo *merimnaō* (9x), por sua vez, denota “estar ansioso” ou ser perturbado¹⁵. A literatura sapiencial usa tanto o verbo como o substantivo no sentido positivo de cuidar e prover¹⁶, embora também possa significar cuidado ansioso¹⁷ (VERBRUGGE, 2018, p. 386). No Novo Testamento, o substantivo *merimna* ocorre quatro vezes nos sinópticos, uma vez em Paulo e uma vez em 1 Pedro. O verbo *merimnaō* é utilizado seis vezes em Mateus (6.25,27,28,31,34; 10.19), cinco vezes em Lucas (Lc 10.41; 12.11; 12.22,25,26) e sete vezes em Paulo (1Co 7.32,33,34; 12.25; Fp 2.20; 4.6) (VERBRUGGE, 2018, p. 386).

Assim, percebe-se que o referido verbo permite a tradução para o

¹³ A Septuaginta (LXX) é a tradução modelar do Antigo Testamento para a língua grega, feita por 70 ou 72 eruditos judeus. A princípio, traduziu-se apenas a Torah, posteriormente a LXX passou a designar a tradução grega de toda Bíblia Hebraica. (GEISLER, 2005).

¹⁴ Especificamente nas seguintes passagens: Jó 11.18; Dn 11.26; 1Mc 6.10.

¹⁵ Especificamente nas seguintes passagens Sm 7.10; 1 Cr. 17.9

¹⁶ Especificamente nas seguintes passagens Pv. 14.23; 17.12

¹⁷ Especificamente nas seguintes passagens Eo 30.24;42.9

português como “ter ansiedade, estar ansioso, estar (indevidamente) preocupado, [...] cuidar, preocupar-se.” (GRINCH; DANKER, 1984, P. 133.). No entanto, como se depreende da perícopes, a tradução por “estar ansioso” não seria a mais indicada para o português, uma vez que o imaginário social hodierno aplica um significado médico ao termo, o qual não está presente no texto mateano.

A problemática se dá, na perícopes Mt 6.25-34, quando as traduções brasileiras vertem o verbo grego *μεριμνάω* (*merimnaō*) para o português como “ansiedade”. A questão é que, como afirma Carson (2007, p. 25), as palavras “[...] podem transmitir informações expressar ou evocar emoções.” Deste modo um leitor da Bíblia, sem aprofundamento exegético, de posse do diagnóstico de algum transtorno de ansiedade pode se sentir culpado por estar ansioso, sendo que não é este o sentido pretendido na perícopes Mt 6.25-34. Ademais, pode-se ainda, através da tradução de *μεριμνάω* (*merimnaō*) por ansiedade estimular a uma falácia exegética denominada por Carson (2007, p. 31) como “Anacronismo Semântico” que “[...] ocorre quando um significado mais recente de certa palavra é transportado para a literatura antiga. Deste modo, os demais termos utilizados para a tradução tais como “preocupação” (Jerusalém, NVI, NTLH), “inquietação” (ARA, ARC) e “cuidado” (ARC) evitam o problema supramencionado, comunicam melhor o que o Jesus mateano teria dito e aplicam-se bem nas traduções em português.

A prática pastoral e o cuidado com a saúde integral da comunidade de fé

O mundo do século XXI é bastante distinto do século I d.C. e do contexto de vida da audiência de Jesus. No entanto, um olhar cauteloso para

o contexto latino-americano, especialmente em um cenário pandêmico provocado pela COVID-19¹⁸, permite perceber os efeitos da má distribuição de renda e seus desdobramentos na falta de saúde, educação e qualidade de vida integral. Deste modo, é notável que haja entre os brasileiros a preocupação (*merimnaō*) com que o comer, beber, ou vestir, à semelhança da audiência de Jesus. Por isso, com base na perícopes Mt 6.25-34, deve-se indagar como o líder religioso, no exercício da poimênica pode auxiliar sua comunidade de fé a experimentar qualidade de vida de modo integral.

Jesus como modelo poimênico

A partir da perícopes em apreço, Mt 6.25-34, considera-se a necessidade de adotar Jesus como modelo poimênico e através de seu exemplo promover saúde integral para a comunidade de fé. O termo poimênica, é uma “[...] uma tradução aproximada do agir ou da ação pastoral” (OLIVEIRA, 2004, p. 27). No entanto, como salienta Silva (2018, p. 22) “[...] esse agir pastoral não pode ser compreendido apenas como um amparo espiritual e tão pouco reduzido à figura do pastor, enquanto líder eclesiástico. Isso porque a poimênica é necessariamente holística, abrangente e pluralista.” Para o autor, na cosmovisão da teologia prática, a poimênica:

[...] pode ser entendida como a extensão da encarnação do Deus trino para dentro da individualidade e sociabilidade do ser humano; ela acontece na manifestação do Espírito, na autoridade do nome de Jesus, por meio da comunidade como sendo seu corpo e é, como tal, o cuidado zeloso do Pai pela cura do ser humano no horizonte de seu reino (SILVA, 2018, p. 23).

Para que se entenda Jesus como modelo poimênico é importante atentar para algumas observações. Primeiramente, o evangelho de Mateus,

¹⁸ Este trabalho está sendo realizado no segundo semestre de 2021.

escrito como um gênero literário “biografia greco-romana, coloca Jesus como figura ideal cujo exemplo deve ser imitado. (SOBRAL, 2019). Ademais, Jesus é posto frente a comunidade mateana como um “novo Moisés” (LUZ, 1993). Em segundo lugar, Ladd (2003, p. 154), salienta que: “[...] na pessoa de Jesus, o reinado de Deus manifestou-se em um novo evento redentor, demonstrando, de um modo totalmente inesperado, os poderes do Reino escatológico dentro do cenário da história”. Assim, Jesus inaugura um novo tempo: a Era Messiânica. Uma Era em que a redenção seria estendida para todas as pessoas e à todas as dimensões da vida (Is. 53.5-6; 54.5). Em terceiro lugar, a partir da perspectiva cristã, Jesus encarna o Deus-pastor de Israel que cuida do seu povo (Salmo 23.1-6). Deste modo pode-se, seguramente, olhar para Jesus – no ato de proferir o sermão do monte (Mt 5.1) - como o modelo poimênico.

Ao demonstrar o cuidado do Pai com a natureza (Mt 6.26, 28) como exemplo para estimular a confiança dos discípulos na Providência divina, Jesus deixa claro que o cuidado pastoral não está dissociado da fé. É preciso crer na Providência. No entanto, ao incentivar os discípulos a referida busca pelo Reino e sua Justiça, Jesus também vincula a atuação pastoral ao exercício da solidariedade como se depreende de Mt 6.34 através do vocábulo “justiça” (*δικαιοσύνη, dikaiosuné*). O conceito de justiça de Jesus ecoa os profetas menores, especialmente Amós¹⁹ e Miquéias²⁰. Ademais, Jesus amplia no sermão do monte o conceito de Justiça (Mt 5.20) ao defender que a justiça dos discípulos deveria exceder à dos escribas e fariseus (CHAMPLIN, 1998). O Jesus mateano também esclarece que a justiça, componente da vocação pastoral, será recompensada no juízo escatológico por atender as necessidades de quem sofre fome, sede, nudez, enfermidade e é estrangeiro (Mt 24.35-45).

¹⁹ Am 5.7,24; 6.12.

Desta forma, o fazer poimênico na perícopes Mt 6.25-34, assume tanto a vocação de estimular a fé entre os integrantes da comunidade, quanto de ser o agente do Reino na partilha do pão de cada dia (Mt 6. 11) e no suprimento das necessidades básicas como comer, beber ou vestir (Mt 6.31-32). Assim, a “[...] poimênica deve ser a resposta à necessidade que o ser humano tem de calor, sustento, apoio e cuidado” (Silva, 2018, p. 23). Este é o exemplo deixado por Jesus. Para auxiliar a comunidade a experimentar qualidade de vida integral é imprescindível, com base na perícopes Mt 6.35-34 que o cuidador pastoral o siga.

A comunidade cristã e o cuidado integral

Silva (2018, p. 22) defende a poimênica como uma ação comunitária que compreende três características “[...] holística, abrangente e pluralista”. Para o autor, a poimênica é:

Holística no sentido de perceber a pessoa humana como um ser integral e indissolúvel. Abrangente por promover libertação, fortalecimento, equilíbrio e sustentação da integridade, em um movimento contínuo na direção de um bem-estar social mais pleno, alegre e produtivo. E pluralista porque se propõe a ser uma abordagem interdisciplinar, dialogando com outras áreas da ciência humana.

Destarte, há que se conceber a comunidade cristã como um núcleo para o cuidado integral do ser humano. No sermão da montanha, ao tocar o tema das preocupações (Mt 6.25-34), o Jesus mateano indica que se interessa por cuidar, não apenas do aspecto espiritual dos seus discípulos, mas também dos aspectos materiais, sociais e emocionais. Assim Jesus, modelo poimênico, oferece um paradigma de cuidado integral ao ser humano.

Cabe salientar que, como afirma o teólogo George Eldon Ladd (2003, p. 150) a Igreja não é o Reino, de modo que “o novo Testamento não iguala

²⁰ Mq 6.5, 8;7.9.

os crentes ao Reino”. No entanto, a igreja é “[...] o instrumento do Reino” (IBIDEM, p. 154). Assim, os discípulos de Jesus “[...] não somente proclamam as boas novas a respeito da presença do Reino; eles também foram considerados agentes instrumentais do Reino, pois as obras do Reino foram realizadas por eles como se fossem realizadas pelo próprio Jesus”.

Cumprir destacar que o cuidado, para Boff (2001, p. 91) “significa [...] desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato”. De acordo com referido o teólogo, “[...] o cuidado significa uma constituição ontológica sempre subjacente.” Assim, na atividade pastoral, para Oliveira (2018, p. 18) o cuidado “[...] é “condição *sine-qua-non*.” Ou seja, sem cuidado não há pleno exercício da atividade pastoral.

Uma práxis pastoral urbana que priorize o Reino

Considerando Jesus como modelo poimênico e a comunidade de fé como núcleo de atenção integral ao ser humano, há que se destacar que o fazer poimênico no contexto urbano precisa priorizar o Reino.

A ação pastoral de Jesus foi capaz de Jesus encontrar as raízes do que causava preocupação no seu público: comer, beber ou vestir. Isto se deve ao fato de que Jesus conhecia as estruturas econômicas, sociais e religiosas de seu tempo (KRAYBILL, 2017). Loro (2006, p. 111) comenta que um elemento

[...] importante da pastoral de Jesus foi sua inserção nas situações reais de seus ouvintes. O Mestre conhecia a realidade. O ser humano com todos os seus problemas era foco da sua permanente encarnação. Jesus penetrou nos corações dos seus interlocutores e lhes propôs uma nova vida.

Por isso, consegui identificar o que dividia (*μερίζω*, *merizō*) o coração dos seus discípulos e causava-lhes preocupação *μεριμνάω* (*merimnaō*). É vital que o agente pastoral, em sua atividade urbana, esteja contextualizado e diligente às questões do seu tempo. Para Lopes (2007 p. 51) a igreja, enquanto comunidade de atenção integral ao ser humano, precisa:

Responder às questões advindas da sociedade secularizada, enfrentando o desafio de apresentar a realidade da adoração, o senso divino e o temor de Deus, sendo a resposta da busca por transcendência do ser humano, aos homens e mulheres modernos, manifestando a real transcendência vivida nos cultos de adoração a Deus, possibilitando um encontro íntimo com o Deus vivo.

Uma comunidade de fé que desconsidere os aspectos econômicos, sociais, urbanos, médicos e atue, apenas, no aspecto espiritual, certamente oferecerá um auxílio precário aos seus integrantes e dissociado do exemplo de Jesus, tornando-se irrelevante para o contexto em que está plantada (LOPES, 2007)

A ação pastoral de Jesus foi capaz de Jesus aplicar as Sagradas Escrituras de modo contextual aos seu público. Isto se dá por suas vias: a interpretação das Escrituras (exegese) e a pregação (sermão). O Jesus mateano trafega por ambas as vias ao ressignificar a lei (interpretação) no sermão da montanha (pregação), utilizando as expressões “ouvistes o que foi dito” e “eu, porém, vos digo” (Mt 5,21-48).

A teóloga Maria de Lourdes Corrêa Lima (2017, p. 29) endossa a ideia de que as Escrituras precisam ser aplicadas às necessidades contemporâneas ao afirmar que: “[...] em virtude do caráter sagrado dos textos bíblicos, a exegese não pode restringir seu trabalho à análise da palavra humana, mas, através desta análise [...] explicar a Sagrada Escritura, esclarecendo seu sentido como Palavra de Deus dirigida atualmente à humanidade”. O teólogo Jilton Moraes (2008, p. 50) corrobora este pensamento ao ressoar as seguintes palavras de Clyde Fant: “A pregação da Palavra de Deus é a interpretação da revelação divina à luz da situação contemporânea, por uma pessoa que conhece bem tanto essa quanto aquela”. Deste modo, o púlpito, como um dos locais do fazer poimênico deve, também, ser comprometido com a integralidade do cuidado a partir da interpretação e pregação das Sagradas Escrituras.

A ação pastoral de Jesus foi capaz de Jesus estimular seu público a

buscar o Reino e Sua Justiça como prioridade diante das demandas urbanas (Mt 6.33). Como afirma Carson *et al* (2009, p. 1372) “[...] dar prioridade ao reino de Deus significa sermos primeiramente fiéis a ele, como rei; justiça é o modo de vida que resulta dessa decisão. Assim, o fazer poimênico deve-se reconhecer operacionalizador do testemunho do Reino no contexto da cidade”. Destarte, é preciso ser pastor na cidade e para a cidade, de modo que diante das urgentes demandas socioeconômicas, culturais e políticas a busca do Reino seja prioritária. Deste modo, o Reino e sua justiça serão inseridos - à semelhança de Jesus - nas situações reais da vida dos cidadãos com suas idiossincrasias, peculiaridades, fé e convicções. Nas palavras de Loro (2006, p. 110-11)

Jesus foi pastor na cidade e da cidade. Deu a vida pelos seus cidadãos. Multidões desejavam escutar sua mensagem e ver suas atitudes. Sua palavra atraía. Aceitava o desafio de dialogar com estranhos, estrangeiros, de outra fé e cultura. Enfim, com aqueles que poderíamos chamar de “outro”. [...] Neste sentido, podemos entender que Jesus tomou a cidade como o “lugar”, o “ponto de partida para um itinerário”, o “início de uma caminhada” para o anúncio do Reino.

De modo prático pode-se dizer que a práxis pastoral promove a saúde integral da comunidade de fé quando Jesus é tomado como modelo poimênico; a comunidade é vista como núcleo de promoção de cuidado integral e; a práxis pastoral prioriza a busca pelo Reino e sua Justiça. Assim, compreende-se que o fazer poimênico é relevante tanto para a vida espiritual quanto para a realidade dos aspectos sociais, econômicos e políticos de modo que pode tornar-se relevante para a sociedade como um todo.

Considerações finais

O presente trabalho propôs-se averiguar quais as possibilidades de tradução do verbo *μεριμνάω* (*merimnaō*) do grego para o português que mais comunicam o sentido original do termo sem prejuízos à saúde mental dos leitores da Bíblia.

Para tanto, no primeiro tópico, realizou-se a exegese da perícopre Mt 6.25-34, inserida do sermão da montanha do Jesus mateano, e verificou-se que o verbo grego *μεριμνάω* (*merimnaō*), na mencionada passagem bíblica, demonstra a importância de não se preocupar exclusivamente com o que tem valor material; a inutilidade das preocupações; sua incompatibilidade com o discipulado cristão e a necessidade de substituí-las pela busca prioritária ao Reino e sua justiça.

Ademais, na segunda seção, investigou-se historicamente e etimologicamente o conceito contemporâneo de ansiedade, o qual origina-se do verbo grego *αγκη* (*agkhō*). Deste modo, não coincide com o verbo grego *μεριμνάω* (*merimnaō*) que aparece na perícopre Mt 6.25-34. Ressaltou-se que na contemporaneidade, o conceito de ansiedade vincula-se às áreas médicas e psicológicas, de modo que, no imaginário popular, está presente a ideia de ansiedade como patologia. As traduções mais indicadas para o verbo *μεριμνάω* (*merimnaō*) seriam as que utilizam “preocupação” (Jerusalém, NVI, NTLH), “inquietação” (ARA, ARC) e “cuidado” (ARC), uma vez que comunicam melhor o que o Jesus mateano teria dito.

Destacou-se ainda, a partir da perícopre Mt 6.25-34 que, embora o contexto do Jesus mateano, no séc. I d.C seja diferente do Brasil do séc. XXI, há tanto em um quanto em outro visível preocupação com o que comer, beber ou vestir. Destarte, salientou-se a necessidade de uma práxis pastoral que extrapole a atenção, apenas, ao aspecto espiritual da comunidade de fé, mas que contemple seus integrantes de modo integral, à semelhança da poimênica de Jesus.

Por fim, o presente trabalho não pretendeu esgotar o assunto, mas procurou perscrutar o tema bíblico da preocupação, pelas lentes da exegese, psicologia e teologia pastoral para, assim, oferecer auxílio como aporte teórico aos desafios da poimênica urbana, no Brasil do século XXI.

Referências

- ALAND, B; KURT, A. (ed.). *O Novo Testamento Grego com introdução em português e dicionário grego-português*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida, 2005.
- BÍBLIA SAGRADA. *Nova Almeida Atualizada*. São Paulo: SBB, 2017.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- CARDOZO, M. Q. et al. *Fatores associados à ocorrência de ansiedade dos acadêmicos de Biomedicina*. Maringá: Saúde e Pesquisa, 2016.
- CARSON, D. A. *O sermão do Monte: exposição de Mateus 5-7*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2018.
- CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CARSON, D. A. et al. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- CARSON, D. A. *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Editora Candeia, 1998. v. I.
- CISTERNA, F. E. *O Evangelho de Mateus: o relato, o ambiente, os ensinamentos*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2009.
- CUVILLIER, E. *O evangelho segundo Mateus*. In: MARGUERAT, D. *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2015.
- DESOUZA, D. A.; MORENO, A. L. et al. *Revisão sistemática de instrumentos para avaliação de ansiedade na população brasileira*. Porto Alegre: Avaliação Psicológica, 2013.
- DUARTE, D. *Não podeis servir a Deus e as riquezas: os impactos econômicos no Evangelho de Mateus no contexto do Judaísmo do I Século*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – UMESP, São Bernardo do Campo, 2009.
- FEE, G. D.; STUART, D. *Entendes o que lêis? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- FERNADES, M. A. et al. *Transtornos de Ansiedade: vivências de usuários de um ambulatório especializado em Saúde Mental*. *Revista de Enfermagem UFPE*, online,

Recife, 2017.

FERREIRA, J. C. L. *E ele será chamado pelo nome de Emanuel: o narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus*. São Paulo: [s/n], 2006.

FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011.

GEISLER, N. L.; WILLIAM, E. Nix. *Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Editora Vida. São Paulo: 2005.

GORMAN. M. J. *Introdução à Exegese Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

GRINCH, F. W.; DANKER, F. W. *Léxico do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981.

HALE, B. D. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001.

KRAYBILL. D. B. *O reino de ponta cabeça*. Ed. Mensagem para Todos. São Paulo: Bragança Paulista, 2017.

LADD, G. E. *O Evangelho do Reino: Estudos Bíblicos sobre o Reino de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2003.

LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

LIMA, M. de L. C. de. *Exegese Bíblica: teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2017.

LOPES, F. R. de S. *Missão Integral uma perspectiva teológica da prática do Evangelho na vida das Igrejas*. (Monografia) Bacharel em Teologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2017.

LUZ, U. *El Evangelio Segun San Mateo*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993. v. I.

MORAES, J. *Homilética: do púlpito ao ouvinte*. São Paulo: Editora Vida, 2008.

MOUNCE, R. H. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Mateus*. São Paulo: Editora Vida, 1996.

OLIVEIRA, R. M. K. de. *Cuidando de quem cuida: Propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de Igrejas evangélicas brasileiras*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2004.

OMANSON, R. L. *Variantes textuais do Novo Testamento. Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OPORTO, S. G. O. *Os Evangelho: memória, Biografia, Escritura*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

OSBORNE, G. *A expiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação Bíblica*.

São Paulo: Editora Vida, 1996.

PEREIRA, M. E. C. Mudanças no Conceito de Ansiedade. In: HETEM, L. A. B; GRAEFF, F. G. *Transtornos de Ansiedade*. 2 ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

RICHARDS, L. O. *Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento*. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD: 2008.

SEGAL, A. F. Matthew's Jewish Voice. In: BALCH, D. L. (ed.). *Social History of the Matthean Community*. Minneapolis: Fortress, 1991.

SEPTUAGINTA. *Id Est Vetus Testamentum Graece iuxta LXX Interpretes*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

SILVA, A. A. G. da. *Fundamentação neotestamentária da Unidade Letiva "A Liberdade" Análise da UL 3 do 8.º ano do Ensino Básico*. Porto, Portugal: Universidade Católica Portuguesa, 2020.

SILVA, E. V. da. *A poimênica em Jesus como paradigma para uma nova abordagem da poimênica na teologia e na vida cristã*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – EST/PPG, São Leopoldo, 2018.

STOTT, J. R. W. *Contracultura cristã: a mensagem do sermão do monte*. São Paulo: ABU, 1981.

THEISSEN, G. *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987.

TURNER, D. L. The Gospel of Matthew. In: COMFORT, P. W. (ed.). *Cornerstone biblical commentary: the Gospel of Matthew and The Gospel of Mark*. Illinois: Tyndale House Publishers, 2005.

VIVIANO, B. T. O Evangelho Segundo Mateus. In: BROWN, R. E.; VERBRUGGE, V. D. *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento: edição condensada*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

ZABATIERO, J. P. T.; LEONEL, J. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.

RECEBIDO: 31/05/2022
APROVADO: 21/06/2022

RECEIVED: 05/31/2022
APPROVED: 06/21/2022